



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

ENTRE FRACASSOS; FABIANO E JOSÉ AMARO
ANÁLISE COMPARADA DO FRACASSO DE FABIANO, EM *VIDAS SECAS*, E
DE JOSÉ AMARO, EM *FOGO MORTO*

LARISSA CARLOS RODRIGUES SANTOS

Matrícula nº 211022870

Brasília, DF

2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL

**ANÁLISE COMPARADA DO FRACASSO DE FABIANO, EM *VIDAS SECAS*, E
DE JOSÉ AMARO, EM *FOGO MORTO***

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, à Comissão Examinadora do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, sob a orientação do professor Dr. André Luís Gomes.

Brasília, DF

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Raquel e Fernando, por toda luta e confiança em mim nessa caminhada, sem vocês nada disso seria possível. A Frida, minha companheira canina de todos os dias.

Agradeço a minha família que nunca deixou de me apoiar, em especial meus avós, Irani e Valmir, minha base.

Agradeço aos meus amigos e colegas de faculdade e trabalho, que acompanharam de perto os meus desafios para se formar. Obrigada pelos momentos de descontração que tanto me ajudaram.

As minhas eternas professoras, Silvia e Celina, que são fonte de inspiração e motivação na área de Língua Portuguesa desde a adolescência.

Ao meu querido orientador, André Luís, que foi muito atencioso e prestativo durante todo meu trajeto acadêmico, em especial no processo de escrita desse artigo.

A Universidade de Brasília por ser uma mãe para mim e me proporcionar o ensino de mais alta qualidade, viva o ensino público!

Ao Piauí e a Ceilândia por formarem toda a minha estrutura e ensinarem jamais esquecer de onde eu vim.

As minhas queridas supervisoras de estágio que tanto me ensinaram. Aos meus alunos que são o verdadeiro motivo de escolha da minha profissão.

Ao Clube de Regatas do Flamengo, que me fez encontrar José Lins do Rêgo primeiramente como amigo que compartilhava a alegria de ser rubro-negro.

ENTRE FRACASSOS; FABIANO E JOSÉ AMARO
ANÁLISE COMPARADA DO FRACASSO DE FABIANO, EM *VIDAS SECAS*, E DE
JOSÉ AMARO, EM *FOGO MORTO*

Larissa Carlos Rodrigues Santos

Universidade de Brasília

1. Introdução

A análise comparativa entre obras literárias é uma prática importante no estudo da literatura, pois permite destrinchar como os autores abordam e desenvolvem determinados aspectos, o que pode levar a uma compreensão mais abrangente das obras individuais e do gênero literário por inteiro. Além disso, essa abordagem permite aos estudiosos compreender melhor as produções textuais em seus respectivos contextos histórico, social e cultural, já que busca situá-las no tempo e espaço. Diante disso, podemos obter uma visão mais rica e totalizante de nuances e significados inseridos nesses cânones, por meio do estabelecimento de correspondências e alteridades presentes na poesia ou prosa, como no caso de *Vidas Secas* e *Fogo Morto*.

Para justificar a escolha das obras, é necessário entender que o romance da segunda geração modernista traz consigo uma inovação na forma narrativa ao retratar a diversidade cultural brasileira e fazer uma crítica às estruturas de poder do país. Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo e outros renomados autores desse período deram destaque a um Brasil antes pouco explorado no sentido literário, consolidando assim uma nova forma de escrita, voltada à ênfase da existência das classes populares e marginalizadas, as quais pouco foram recordadas em movimentos anteriores. Além disso, é pertinente perceber como essa literatura pretende pensar o país a partir da análise das propriedades regionais. Assim, essa denúncia tinha como objetivo principal despertar a mente do leitor e promover reflexões acerca de questões urgentes, visíveis e palpáveis, colocando a literatura também como instrumento de conscientização da sociedade e estímulo de transformação.

Por enxergar as causas do povo, os problemas sociais que perpetuam ainda hoje, a desigualdade que assola esse território e levar em consideração a seguinte frase de Alfredo Bosi: “O chamado “romance de 30” a rigor não se restringiu a esse tempo por tantos motivos decisivo como período de transformação da sociedade e do Estado nacional” (BOSI, p.16, 2015), interpretando a necessidade de continuidade desses estudos, apresentaremos uma análise comparada dos personagens fracassados Fabiano, em *Vidas Secas* e José Amaro, em *Fogo Morto*, com o propósito de relacionar homens reais, não idealizados, que representam a angústia, a submissão e a opressão de milhares de brasileiros perante as condições desumanas que são submetidos cotidianamente. Aqui, os atributos gerais e particulares serão colocados em pauta, a fim de alcançar a maior complexidade possível dentro dessa discussão.

Com base nessas considerações, o presente trabalho se destina a oferecer uma contribuição no que se refere à percepção de um herói fracassado presente constantemente na história da literatura brasileira. Outrossim, buscar perceber que esse fenômeno tem uma variedade de fundamentações teóricas também constitui esse objetivo.

Desse modo, procuraremos discutir a importância dessa investigação a partir, primeiramente, de uma contextualização da literatura comparada no Brasil, por intermédio da perspectiva de Tânia Franco Carvalhal. Segundamente, trataremos o personagem fracassado no romance modernista de forma mais integral, com alguns exemplos. E, por fim, a especificação dos casos de Fabiano e José Amaro, pontuando o que os aproxima e o que os distancia.

2. Literatura Comparada

A literatura comparada no Brasil foi somente reconhecida institucionalmente como área específica a partir da fundação da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada) em 1986, e, por muito tempo, foi sinônimo de pesquisa das semelhanças entre obras literárias. Entretanto, estudiosos como Tânia Franco Carvalhal afirmam que tal conceituação abdica das particularidades dos autores, do contexto em que essas produções estão inseridas, além de todos os procedimentos artísticos que as caracterizam como singulares. Por isso, as diferenças também necessitam estar em destaque, visto que

a complexidade e amplitude desse campo dos estudos literários estão atreladas a esse enfoque, isto é, explicitando a relação e interação existente entre esses elementos.

Esse paralelo é estabelecido com base em uma série de estratégias interdisciplinares, o que prova a diversidade englobada no método comparativo, e na investigação profunda e cautelosa dos textos. Dessa forma, o contraste é o responsável por favorecer uma visão mais abundante e reflexiva acerca de determinada questão: “Assim, a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estético ao mesmo tempo que, pela análise contrastiva, favorece a visão crítica das literaturas nacionais”. (CARVALHAL, pag.86, 2006)

Ademais, é profícuo somar a tais ideias a contribuição do professor universitário Antônio Cândido, ao definir um sistema literário, em seu livro *Formação da Literatura Brasileira*, no qual “a literatura brasileira deve ser estudada como síntese de tendências universalistas e particularistas” (CÂNDIDO, 1997, p.23). Tendo essa afirmação, é de suma importância, ao dispor da literatura comparada, apresentar os fatores externos e internos que interligam as obras de alguma maneira — no caso das produções aqui discutidas o contexto da decadência do homem rural nordestino no início do século XX —, no intuito de compreender o comparativismo como recurso fundamental na formação e construção dos textos literários brasileiros.

Portanto, no presente artigo, utilizamo-nos do método comparativo para analisar o fracasso dos personagens Fabiano, de *Vidas Secas*, e José Amaro, de *Fogo Morto*, levando em consideração suas semelhanças e diferenças, sejam sociais ou individuais, já que, conforme Carvalhal (2006), “tão próprio da literatura comparada é a busca de afinidades como o estudo daqueles contrastes que, comparativamente, servem de forma esclarecedora para caracterizar uma literatura ou um autor”. A escolha por esse enfoque foi motivada pela preocupação em revelar, de acordo com alguns critérios, como José Lins do Rêgo e Graciliano Ramos estão entrelaçados perante a história da literatura nacional, e, ao mesmo tempo, como esses possuem suas próprias marcas registradas.

3. O personagem fracassado no romance modernista

Antes de especificar os casos de Fabiano e José Amaro, é necessário entender o personagem fracassado no romance modernista, de forma mais ampla. Em “A elegia de abril”, de 1941, Mário de Andrade nos atenta quanto a existência de um novo herói nacional, encontrado frequentemente nas obras da segunda geração modernista, o fracassado. Essa figura é observada na literatura estrangeira como “seres capazes de se impor, conquistar suas pretensões, vencer na vida, mas que no embate contra forças maiores são dominados e fracassam” (ANDRADE, pag.190, 1941). Contudo, no contexto brasileiro, esses seres seriam descritos como fracos absolutos, “incompetentes para viver” e sem traços de caráter, ou seja, completamente entregues aos obstáculos e injustiças do mundo, não possuindo nenhuma reação contrária ao que lhes foi imposto, declaração que em breve, com alguns exemplares, pode ser notada e contestada.

Nos romances brasileiros do século XX, especialmente durante o movimento modernista, é comum encontrar personagens que são retratados como fracassados ou marginalizados pela sociedade. Esses personagens frequentemente simbolizam as contradições, desigualdades e frustrações do período vigente. Um exemplo notável de um personagem fracassado em um romance modernista é Macunaíma, protagonista do romance *Macunaíma* de Mário de Andrade, publicado em 1928. Macunaíma é retratado como um herói sem caráter fixo, preguiçoso, egoísta e imaturo. Ele é apresentado como um personagem que falha em suas tentativas de encontrar um propósito na vida, personificando um Brasil perdido e revelando as tensões e conflitos da sociedade brasileira da época.

Outro exemplo é o personagem Riobaldo, do romance *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa, publicado em 1956. Riobaldo é um jagunço, um tipo de pistoleiro, que narra suas experiências e reflexões sobre a vida no sertão. Ele é um personagem atormentado pela dúvida, pela falta de sentido e pela violência que permeia sua existência. Riobaldo é um retrato complexo de um personagem que não alcança sucesso em sua busca por significado e realização pessoal. Por fim, João Miramar, protagonista de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, escrito por Oswald de Andrade em 1924, é um homem desiludido e em constante busca por uma identidade própria. João experimenta uma série de fracassos pessoais e profissionais, revelando a instabilidade e a falta de sentido da vida moderna.

Esses modelos de personagens fracassados refletem a busca por uma identidade nacional, as contradições entre o rural e o urbano, e as dificuldades enfrentadas por

indivíduos excluídos de uma sociedade em transformação, além de serem representações simbólicas das contradições sociais, políticas e econômicas da época. Desse modo, o personagem fracassado nesse movimento literário somente pode ser analisado ao inseri-lo no cenário brasileiro, que falha como organização social, já que mantém o atraso “mesmo em contexto marcado por mudanças, numa palavra, o fracasso da modernização brasileira” (MARQUES, p.67, 2015). Sendo assim, a figura do anti-herói desajustado espelha um contexto de profundas alterações sociais e políticas. Essa representação possibilitou reflexões sobre a condição humana em um momento de redescobrimto do país como nação. Tendo isso, José Amaro e Fabiano possuem grande contribuição nesse entendimento de maneira geral.

4. Os romances

Os romances *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e *Fogo Morto*, de José Lins do Rêgo retratam a questão da opressão de famílias por um sistema de capitalismo crescente, por intermédio da industrialização, dos variados avanços tecnológicos, e, conseqüentemente, da decadência do homem rural nordestino. As afinidades entre os textos são múltiplas, todavia os contrastes também, logo, ambos serão abordados, uma vez que são essenciais na compreensão da análise como um todo.

4.1 Breve resumo dos romances

Vidas Secas – Graciliano Ramos

"Vidas Secas", obra escrita por Graciliano Ramos e publicada em 1938, é considerado um clássico da literatura brasileira, destacando-se pela sua abordagem realista e pela crítica social e política que apresenta. A obra retrata a luta dos mais pobres no sertão nordestino, deixando uma reflexão profunda sobre as desigualdades e injustiças sociais. Uma família de retirantes sertanejos tem sua vida miserável e cíclica narrada sob a perspectiva de uma terceira pessoa. Fabiano, Sinhá Vitória, Baleia, o menino mais novo e o mais velho enfrentam os obstáculos da seca, fome, ignorância e descaso do governo enquanto diariamente lutam para sobreviver. O pai de família, Fabiano, o qual terá

destaque no presente artigo, é uma pessoa de poucas palavras, o vaqueiro é animalizado pelas condições que o meio oferece, mas ao mesmo tempo é uma figura questionadora de sua própria existência, sendo um objeto rico de estudo.

Fogo Morto – José Lins do Rêgo

“Fogo morto” é um romance escrito pelo autor brasileiro José Lins do Rego e publicado em 1943. A história se passa no início do século XX, na cidade de Areia, localizada no interior do estado da Paraíba, no nordeste do Brasil. O livro retrata a decadência do ciclo do açúcar e a transformação social ocorrida na região. Através de uma narrativa envolvente, é dividido em três capítulos, cujo os nomes são os próprios protagonistas: o mestre José Amaro, Seu Lula e Capitão Vitorino. O personagem central aqui será José Amaro, seleiro, homem grosseiro e insatisfeito com a vida que leva, almeja a solidão e admira os cangaceiros da região, seu sonho é um dia ser como Antônio Silvino, o vingador do povo, dos pobres e explorados. Além disso, atribui toda sua ruína à esposa e filha e se assume como dono de si, mesmo vivendo nas terras pertencentes a Seu Lula e estando exausto pelas condições de trabalho as quais é submetido, é, inclusive, confundido com um lobisomem pela aparência tenebrosa resultado da insônia e do cansaço.

4.2 Semelhanças

No breve resumo dos romances, já podemos enxergar uma relação entre José Amaro e Fabiano. A saber, os personagens são marginalizados de uma série de direitos e estão inseridos em um contexto de precárias condições de trabalho, que ao mesmo tempo é refúgio dos problemas pessoais, subjugados a todo tipo de exploração, tendo a decadência do homem rural nordestino no início do século XX como conjuntura político-social, sendo resultado das escassas políticas governamentais voltadas a esse público e da modernização de tecnologias. Portanto, o ofício desses perde valor, dando espaço às máquinas e aos novos modelos de produção. Entretanto, ao mesmo tempo, esses homens estão presos aos proprietários de terra, o que demonstra uma forte ligação ainda com o período colonial e o sistema escravista. Sendo assim, o contraste entre passado, presente e futuro é existente. Além disso, outros fatores interligam essas narrativas:

- a) Ambos refletem sobre sua existência e direitos, o que revela a complexidade psicológica dos personagens ao questionarem a realidade através da inquietação de tentar entender o porquê de as coisas serem como são e como deveriam ser, além de reconhecerem o lugar de oprimidos na sociedade. Em *Fogo Morto*, José Amaro reflete sobre isso em algumas passagens:

“Não haveria um direito para ele?” (p.111).

“Mestre José Amaro é pobre, é atrasado, é um lambe-sola, mas grito não leva” (p.10).

Em *Vidas Secas*, o narrador dá voz aos sentimentos de Fabiano quando é preso por uma injustiça:

“Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo” (p.33).

- b) Ambos abominam as figuras representativas do poder, o soldado amarelo e Seu Lula, que impõem e abusam de sua autoridade em detrimento da humilhação dos personagens fracassados. Em *Fogo Morto*, José Amaro expressa sua revolta:

“O Coronel Lula é homem de opinião. É um homem soberbo. Nunca vi senhor de engenho de tanto luxo. Nunca vi este homem, a pé, correndo os partidos” (p.14).

“Nesta terra só quem não tem razão é pobre” (p.11).

Em *Vidas Secas*, Fabiano inconforma-se:

“Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos?” (p.31).

“Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas” (p.34).

- c) Ambos viam o cangaço como refúgio, já que esse simbolizava uma resistência e reparação diante daqueles que o submeteram à inferioridade e a todos os rebaixamentos que passaram pela vida. Em *Fogo Morto*, José Amaro teria o cangaceiro Antônio Silvino como herói:

“Que fossem para o inferno os grandes da terra. Para ele só havia uma grandeza no mundo, era a grandeza do homem que não temia o governo, do homem que enfrentava quatro Estados, que

dava dor de cabeça nos chefes de polícia, que matava soldados, que furava cercos, que tinha poder para adivinhar os perigos” (p.73).

“O nome de Antônio Silvino exercia sobre ele um poder mágico. Era o seu vingador, a sua força indomável, acima de todos, fazendo medo aos grandes” (p.52).

Em *Vidas Secas*, Fabiano, em momento de impulso, pensava também no cangaço como fuga da realidade a qual foi socialmente destinado:

“Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a ideia que lhe fervia na cabeça” (p.35).

- d) Ambos se acovardam ao surgir uma oportunidade de redenção, de vingança perante àqueles que o maltrataram ao decorrer de suas trajetórias. José Amaro, em um confronto com Seu Lula ao fim do primeiro capítulo do livro, é questionado acerca de quem seria subalterno a quem, logo depois é expulso de sua terra. Ao invés de manter a postura inflada que demonstrara por todo o texto, o mestre se curva:

“– Quem manda nesta terra, hein, mestre José Amaro?”

“– Quem manda é o senhor de engenho” (p.108).

Ao encontrar o soldado amarelo que um ano antes o levara à cadeia, Fabiano, com um facão, tem a oportunidade de realizar aquilo que tanto imaginara e almejava, ele chega perto de concretizá-la, porém também cede:

“Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.

- Governo é governo

Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo.” (p.104).

4.3 Diferenças

Apesar dos pontos convergentes entre os personagens, José Amaro e Fabiano também expressam suas singularidades durante as narrativas. Por exemplo, o seleiro de *Fogo Morto* sempre tinha muito a ser dito, com respostas para qualquer questionamento, sendo até inconveniente por vezes:

“Velho danado, foi pensando o pintor Laurentino; que natureza de cobra. Que é que tem ele com a vida dos outros? Se se fala de qualquer coisa ele tem sempre o que dizer.” (p. 18).

Já o vaqueiro de *Vidas Secas* pouco falava em decorrência do restrito vocabulário que incorporara e, por isso, procurava frequentemente as palavras, que saíam de forma desordenada e fora do contexto, de seu Tomás da bolandeira, sua maior inspiração:

“- Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme.” (p. 26)

Outro aspecto a ser levantado é a relação desses com suas famílias. Fabiano admira a mulher e tem sua prole como estrutura que o controla a não “fazer besteira”, como pode ser observado na ocasião do capítulo *cadeia*:

“Pobre de sinhá Vitória, inquieta e sossegando os meninos. Baleia vigiando, perto da trempe. Se não fossem eles...” (p. 35).

“Agora Fabiano conseguia arranjar as ideias. O que o segurava era a família” (p.35).

“As palavras de Sinhá Vitória encantavam-no” (p. 124).

Em contrapartida, o mestre José responsabiliza a esposa e a filha por todo seu infortúnio e infelicidade perante os múltiplos fracassos que precisa lidar:

“Culpada de tudo era a sua mulher Sinhá” (p. 13).

“Lá encontraria a mulher e a filha, toda a desgraça de sua vida. Era preciso que tivesse mais fibra para aguentar tudo aquilo, para não lhe dar vontade de fazer uma coisa ruim” (p. 31).

Os personagens também se singularizam ao observamos o tratamento oferecido às perspectivas que têm de si próprios. Enquanto Fabiano se vê como bicho, já que diariamente busca sobreviver em condições de absoluta hostilidade, ou como uma criatura relegada às condições mais básicas de existência, sem acesso aos direitos e privilégios da sociedade: “- Você é um bicho, Fabiano”, José Amaro é orgulhoso, teimoso e está o tempo todo reforçando seu valor como ser humano e independência daqueles que detém o poder

econômico: “Não sou criado de ninguém”, “Aqui nesta tenda só faço o que quero”, “Ninguém manda no mestre José Amaro”, “É que em mim ninguém manda”. Percebe-se, inclusive, essa repetição no intuito de em algum momento o seleiro realmente se convencer de que essas afirmativas são verídicas.

Os desfechos dos dois são outro dado interessante, pois revelam formas diferenciadas de realização dos romances. Em *Vidas Secas*, no último capítulo, intitulado *Fuga*, Fabiano percebe que sua família está destinada a vagar pela aridez do sertão, sem um lugar para se estabelecer. Assim, o final do livro deixa em aberto o destino dessas pessoas, sugerindo que eles estão condenados a uma vida de sofrimento e marginalização, portanto, percebe-se um ciclo que não se quebra, pelo contrário, se perpetua. No entanto, mesmo diante dessa realidade sombria, há uma nota de esperança na determinação de Fabiano em continuar lutando, mesmo que suas chances de sucesso sejam mínimas.

Por outro lado, em *Fogo Morto*, José Amaro demonstra estar completamente desiludido, cansado e disperso ao perder tudo que tinha e ao não conseguir se adaptar a todas as mudanças que lhe foram impostas. Amaro, então, não se submete às leis, à hierarquia e nem às regras sociais, por isso, acaba se suicidando de forma bastante simbólica: “O mestre estava caído, perto da tenda, com a faca de cortar sola enterrada no peito” (RÊGO, p. 260, 1982). Tal descrição permite interpretar que o trabalho, representado pela faca de cortar sola, e a exploração desse foram os principais agentes causadores da autodestruição literal de José Amaro.

5. Considerações Finais

O objetivo geral deste estudo foi compreender a relação estabelecida entre os personagens fracassados Fabiano e José Amaro, descritos por Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo, respectivamente. Para atingir este propósito, foram estudadas as características de cada um, suas equivalências e diferenciais e as condições socioeconômicas nas quais estão colocados. A partir dessa pesquisa, percebe-se as marcas registradas dos autores, o que os fazem únicos, porém, ao mesmo tempo, acreditamos que o que os une é mais poderoso.

Como observado, José Amaro personifica a decadência das antigas oligarquias e a transformação do modo de vida rural no nordeste brasileiro. A autonomia ilusória do personagem é desmistificada no momento em que é expulso de sua casa pelo senhor de engenho, retratando o tardamento de um país em desenvolvimento e descaso com aqueles que estão à margem dos direitos básicos.

Da mesma forma, Fabiano vive como nômade, em condições desumanas, representa a luta e a resistência dos trabalhadores rurais diante das adversidades e da opressão social. Ele é retratado como um homem que busca melhores condições de vida, mas é constantemente confrontado com a falta de oportunidades e a injustiça do sistema em que vive. Sobre isso, Luís Bueno afirma: “Assim, seja durante os ciclos da natureza no sertão nordestino, seja num espaço linear de tempo, contado no calendário, num período em que não há evidência de seca imediata, a situação dessas pessoas é de limitação” (BUENO, p.872, 2001).

Portanto, ambos são reproduções de um Brasil concreto, que vendem sua força de trabalho em busca de dignidade. O fracasso aqui é resultado de uma série de fatores, e é trazido nesse artigo como sintoma de um sistema doente, que se alimenta classificando e hierarquizando seres humanos. Com isso, acreditamos que o estudo aprofundado dessas temáticas dentro da perspectiva literária é determinante no progresso acadêmico e cidadão, visando sempre uma sociedade mais inclusiva, igualitária e justa.

6. Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. 6.ed. São Paulo, Martins; 1978.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. 2.ed – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

ANDRADE, Oswald. **Memórias sentimentais de João Miramar**. São Paulo: Globo, 1990.

BOSI, Alfredo. **Uma caixa de surpresas: nota sobre a volta do romance de 30**. Teresa revista de Literatura Brasileira [16]; São Paulo, 2015.

BUENO, Luís Gonçales. **Uma história do romance brasileiro de 30** -- Campinas, SP: [s.n.], 2001.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 8.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. 2v.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4.ed. rev. e ampliada. – São Paulo: Ática, 2006.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MARQUES, Ivan. **Herói fracassado: Mário de Andrade e a representação do intelectual no romance de 30**. Teresa revista de Literatura Brasileira [16]; São Paulo, 2015.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 147.ed – Rio de Janeiro: Record, 2020.

REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. 24.ed – Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.